

DENDÊ: O AVANÇO DO MONOCULTIVO AMEAÇA A AGRICULTURA FAMILIAR NA AMAZÔNIA PARAENSE

Entrevista com Winnie Overbeek

Cientista Ambiental e Coordenador da WRM
- World Rainforest Movement / Movimento
Mundial pelas Florestas Tropicais

Organização:



Apoio:



HEINRICH BÖLL STIFTUNG
BRASIL

FORD FOUNDATION
*Working with Visionaries on the
Frontlines of Social Change Worldwide*



2

Novembro / 2013

Muitas pessoas conhecem ou fazem alguma ideia da dura realidade no campo e de como as empresas detentoras da tecnologia de produção de alimentos e biocombustíveis se relacionam com seus empregados e com a população que vive em áreas rurais, que depende do campo e de seus recursos para sua sobrevivência, mas poucos de nós têm o exato conhecimento da relação arquitetada que essas empresas têm umas com as outras, com a própria produção mundial e com o meio ambiente.

Em entrevista, Winnie Overbeek, cientista ambiental e coordenador da WRM, fala sobre agroecologia, relações econômicas de mercado na agricultura e monocultivo de dendê.

A WRM (World Rainforest Movement – ou Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais, em português) é uma organização internacional que há 25 anos trabalha com comunidades que dependem das florestas para garantir a continuidade de seu modo de vida, apoiando a luta das mesmas contra todo tipo de ameaça, como o avanço massivo de plantações de dendê em áreas não-degradadas. Além disso, essa pequena organização, com sede em Montevidéu, no Uruguai, combate também a mineração, as extrações de petróleo desenfreadas e ainda o impacto negativo das hidrelétricas, entre outras ações. **“Muitas vezes, lutamos de forma solitária, isolada. Então, tentamos ajudar a disseminar informações dessas lutas, tentamos fazer contato com outras organizações que podem ajudar e tentamos articular intercâmbios com outras comunidades que estão passando pelo mesmo problema”**, afirma Winnie. Atualmente, com o objetivo de combater o monocultivo em larga escala, como por exemplo as plantações de árvores de dendê, Winnie, através da WRM, mostra que a visão internacional que muitos têm sobre as políticas de agroecologia é, muitas vezes, equivocada e mal compreendida e que, a nível local, essa realidade é bem menos fantasiosa. **“A gente tenta mostrar, a nível internacional, quais são esses impactos e, ao mesmo tempo, informar as organizações locais e as comunidades locais sobre essas políticas, sobre esses planos”**, completa Winnie.



Em que países o monocultivo do dendê é mais expressivo?

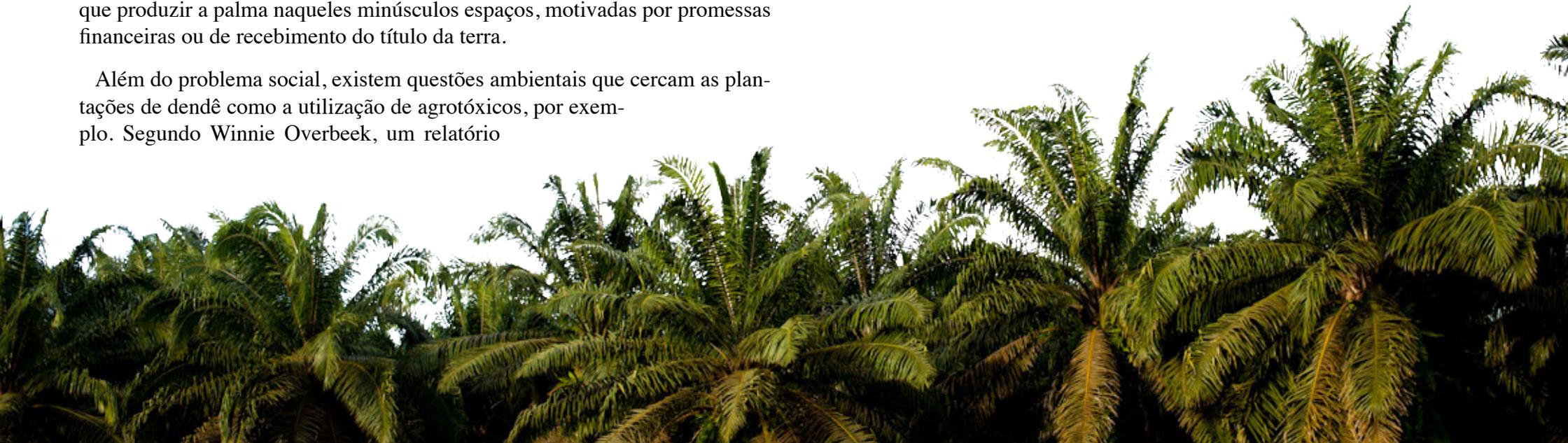
“É mais expressivo na Indonésia e na Malásia. Esses dois países juntos concentram mais ou menos 85% da produção mundial de óleo bruto de dendê e detêm também, na mesma faixa, 80% das plantações no mundo”.

Winnie Overbeek explica que a palma (árvore do dendê) é uma planta nativa da África, onde é cultivada por pequenas comunidades locais, em pequenas quantidades, para extração do óleo de dendê, que é usado na fabricação de remédio, vinho, sabão, entre outros produtos. Por isso, é uma matéria-prima importante na região e abastece o mercado local. Mas, segundo Overbeek, no caso da Indonésia e Malásia, as plantações de dendê, além de não serem nativas, são excedentes, com até 30 plantações de 50 mil hectares, fazendo com que o impacto esteja ligado principalmente ao desmatamento. Em um país com 230 milhões de habitantes como a Indonésia, com extensão territorial menor que o estado do Pará, as comunidades não possuem muitas áreas de floresta e, ainda assim, muitas famílias que viviam nelas foram tiradas para que, posteriormente, essas áreas fossem desmatadas. As empresas responsáveis por este remanejamento ofereceriam algumas vezes apenas 2 hectares de terra para cada família, porém, em um regime de total escravidão, onde elas teriam que produzir a palma naqueles minúsculos espaços, motivadas por promessas financeiras ou de recebimento do título da terra.

Além do problema social, existem questões ambientais que cercam as plantações de dendê como a utilização de agrotóxicos, por exemplo. Segundo Winnie Overbeek, um relatório

apontou que em Sumatra, sexta maior ilha do mundo e que pertence à Indonésia, usa-se em torno de 350 mil litros de agrotóxicos nos 50 mil hectares onde de plantações, ocasionando a contaminação dos lençóis freáticos e, em seguida, a própria população. E este não seria o único impacto: em se tratando de monoculturas em larga escala, os cursos dos rios também são comprometidos, por causa da construção de estradas. Soma-se ainda a tudo isso o impacto sobre a biodiversidade por causa dos desmatamentos.

No caso do Brasil, Overbeek aponta que, recentemente, duas grandes empresas multinacionais têm começado a investir na palma. São elas a Petrobrás e a Vale. Além destas, cita também a Agropalma que **“tem sido, por muitos anos, a principal empresa no Pará. Na América Latina - e no Brasil, em particular - a plantação de dendê sempre tem sido relativamente pequena”**. A Agropalma nunca produziu para biocombustíveis, como as duas primeiras, mas sim para o mercado europeu. No entanto, ela tem reorientado sua atuação nos últimos tempos.



A expansão do monocultivo do dendê pode afetar a produção de alimentos no nosso país?

“Eu acho que a situação do Brasil é delicada, porque hoje a agricultura no mundo é controlada por grandes empresas do agronegócio que cada vez mais têm o controle sobre a produção de alimentos, uma produção muito concentrada em grandes monocultivos”.

Além disso, Winnie apresenta dados importantes sobre a produção de alimentos no Brasil, mostrando que 70% a 75% dos alimentos básicos da mesa do(a) brasileiro(a) vêm da agricultura familiar, mesmo ocupando uma área extremamente limitada se comparada às terras ocupadas pelo agronegócio. Aponta ainda que a lógica do agronegócio é a de que **“o Brasil já produz muitos alimentos e pode produzir muito mais”**. Esse é um pensamento equivocado, pois, na realidade, a preocupação é incorporar o(a) agricultor(a) dentro do negócio do dendê e, como Overbeek já mencionou, no caso da Indonésia, os agricultores(as) ficam na dependência das empresas, têm pouco tempo e espaço para produzir seus próprios alimentos e também para o mercado local.

“Eu acho que isso é um perigo para o Brasil”, afirma Winnie, sobre as dificuldades que os(as) agricultores(as) brasileiros(as) terão por conta do menor tempo para produzirem alimentos para si próprios e para o consumo local, além do tamanho reduzido de suas propriedades. Além desse fator, o cientista esclarece ainda que em qualquer região onde o dendê se expande, a produção de alimentos reduz, porque não há tempo ou espaço suficientes para essa produção, o que fará com que a população passe a comprar seus alimentos. Este processo diminuirá, inclusive, a demanda de Reforma Agrária, por ser esta um incentivo à produção de alimentos, pois o processo de produção de palma ocupará as terras férteis.



Há alguma relação entre o monocultivo do dendê, da cana-de-açúcar e do eucalipto?

“A relação que existe é que os impactos são muito parecidos. A lógica da ocupação das terras e de quem se beneficia é que nunca ninguém é consultado sobre esses projetos”.



Segundo Overbeek, todos esses projetos – cana-de-açúcar, eucalipto e dendê – são projetos que vêm de cima para baixo, ou seja, são de empresas que não estariam preocupadas de fato com as comunidades, pois não se interessam em saber, através de pesquisa nessas comunidades, por exemplo, qual seria a vocação de uma região, o que seria bom plantar mais ou desenvolver. Em relação à geração de empregos, Winnie explica que o monocultivo de dendê é ainda o que produz um maior número de postos de trabalho, porque nos plantios de eucalipto o processo é feito de forma mecanizada no Brasil e o plantio de cana-de-açúcar está cada vez mais mecanizado.

No entanto, Winnie enfatiza que o tipo de emprego que é criado nessas monoculturas é muito difícil, por se tratar de trabalho pesado, onde os trabalhadores(as) adquirem muitos problemas de saúde e, por isso, é cada vez mais terceirizado.

“Relativamente, nós fizemos estudos, comparando empregos entre Monocultura e Agricultura Familiar. Os estudos realizados localmente mostram que qualquer tipo de estrutura de agricultura camponesa e familiar, que não seja uma grande monocultura, gera mais empregos do que os grandes projetos”, revela Winnie.

O plantio do dendê pode ser considerado reflorestamento?

“Não. Existem formas de se plantar o dendê, como na Bahia, não em uma monocultura, mas com algumas árvores misturadas a outras. É a forma como na África essas plantações acontecem muitas vezes e onde muita gente trabalha com dendê, principalmente as mulheres”.

Para o coordenador do WRM, são as pequenas áreas de plantação de palma, geralmente nos quintais das famílias, que representam a forma mais adequada de cultivo da árvore. Mas, como ele mesmo aponta, existem também nesses lugares plantações de uma única planta, como no caso do dendê, o que acarreta um consumo maior de água e a utilização de agrotóxicos em grande

quantidade. **“Isso não pode ser chamado de reflorestamento, muito menos de floresta”**. Segundo Overbeek, a FAO – Organização Mundial de Agricultura – considera uma monocultura de eucalipto uma floresta e a identifica com o termo Floresta Plantada. Porém, para ele, o dendê não é considerado uma floresta, mas um Cultivo Agrícola, e afirma que o governo da Indonésia faz um lobby imenso para que se mude essa definição. **“Eles querem que seja reconhecido como Reflorestamento, porque poderiam mostrar que há muito menos desmatamento na Indonésia do que realmente existe, para que pudessem alegar que estariam tirando a floresta tropical (que é extremamente rica e biodiversa), mas que implantariam outra no lugar, utilizando unicamente o dendê, para daí dizer que não existe desmatamento na Indonésia”**.

O dendê é plantado somente em área degradada ou está entrando em área de floresta?

“Eu não acredito que eles vão querer recuperar terras degradadas, até porque a produção deles estaria comprometida”.

Winnie relata que há razões para se desacreditar que as grandes empresas produtoras se interessem por terras degradadas, porque não seriam interessantes à própria demanda da produção. No entanto, como as terras das comunidades seriam certamente mais férteis e irrigadas, estas sim estariam na mira dos grandes produtores de dendê.

Overbeek afirma ainda que em muitos países da África, onde a maioria da população ainda se encontra no campo, essas empresas também têm o discurso de que não atrapalharão a vida de nenhuma comunidade, de que oferecerão emprego e de que ocuparão apenas terras marginais, degradadas, terras distantes. Mas em todos os lugares eles ocupam terras que pertencem à comunidade. **“Aqui no Brasil, eu acho muito difícil eles quererem ocupar terras degradadas, porque eles precisam de duas coisas: terras férteis – podem ser terras que não estão sendo usadas no momento, mas dificilmente serão**

terras degradadas – e terras que tenham água: essas plantações precisam de acesso à água. Estou falando de terras que são boas para se produzir alimentos. Essas são as terras que eles vão usar”, comenta.

Por que as empresas dizem que o dendê contribui ao equilíbrio do clima? O que é afinal de contas o Mercado de Carbono?

“Porque eles querem se aproveitar de toda essa onda, desde que começaram as negociações internacionais para um acordo para se reduzir a crise climática. Todos sabem o problema que significa os combustíveis fósseis: 85% das emissões de poluentes que aumentam o aquecimento global. É por causa disso”.

De outro lado, encontram-se os interesses de poderosas organizações multinacionais que, segundo Winnie, mesmo elas tendo que diminuir suas emissões, são atraídas pelos gigantescos lucros com a extração do petróleo e do carvão mineral, por exemplo. E, visando a permanência desses lucros, inventam um “mecanismo de desenvolvimento limpo” no qual uma empresa que consome muito petróleo e produz muito poderia continuar a fazer isso ao plantar algumas árvores. Mas Winnie também explica: **“só que está se comparando o carbono do petróleo, que foi estocado no subsolo durante milhões de anos através de uma energia concentrada, com o carbono que sai da atmosfera para ficar algum tempo em uma árvore. É o mesmo carbono, mas para o clima são carbonos diferentes”**.

Graças ao chamado Mecanismo de Desenvolvimento Livre (MDL), com projetos inclusive no Brasil, como o da Plantar, em Minas Gerais, as empresas agora tratam o clima não apenas como uma ameaça, como afirma Overbeek, mas como uma oportunidade de negócio, e é neste contexto que se encontra o Mercado de Carbono, que surge nessas negociações sobre o clima, permitindo que qualquer empresa continue a poluir apenas plantando árvores (de eucalipto, dendê ou outras espécies), comprando ou vendendo créditos carbono para

outras empresas. De certa forma, mesmo se tratando de árvores, este passo não representa uma solução eficaz ao grave problema climático da atualidade, pois são florestas que têm um rodízio. Ou seja, as funções de filtrar o ar e manter o carbono a salvo são apenas temporárias.



Foto: Verena Glass

O Mercado de Carbono, como explica Winnie, foi criado a partir do Protocolo de Kyoto, como uma condição, para que se reduzissem as emissões de carbono no mundo. **“Se uma empresa tem muita facilidade para reduzir**

suas emissões, talvez essa empresa reduza muito e outra empresa poderia comprar os ‘créditos-carbono’ dessa primeira empresa que reduziu muito. Um crédito-carbono corresponde a uma tonelada de carbono, então se uma empresa vai reduzir suas emissões em 10 toneladas, seriam 10 créditos. Já que o Protocolo de Kyoto diz que só precisaria se reduzir 5, aqueles 5 que sobram também poderiam reduzir com facilidade. Mas os países disseram: ‘Por que não vender créditos para outras empresas que têm muito mais dificuldade de redução?’ Então, seria coloca um limite, mas em torno desse limite, você ter a liberdade de negociar créditos. E então, surgiu essa ideia do Mercado de Carbono”, explica.

O plantio do dendê é benéfico à Agricultura Familiar?

“Eu acho que o problema não é a planta do dendê em si. Acredito que os (as) agricultores(as) familiares e as famílias camponesas podem aproveitar bem qualquer planta e plantarem-na da forma correta. Eu acho

que isso pode contribuir com a renda da propriedade, pode ser uma coisa benéfica. Agora, a questão que eu acho complicada é o modelo que está sendo imposto em todos os lugares onde o dendê hoje se expande, inclusive no Pará, que é um pacote praticamente pronto”.

Winnie explica que os contratos que esses agricultores(as) fazem com as grandes empresas produtoras é justamente o ponto que deve ser mudado, por significar um retrocesso para a qualidade de vida das famílias rurais e para o próprio Meio Ambiente. Além de ficarem presos às condições extremamente desumanas, onde o/a agricultor(a) deve plantar e produzir nada menos do que está no contrato, tendo que arcar com os prejuízos, caso a meta de produção não seja alcançada; representa ainda a criação de mais uma monocultura, trazendo assim o risco do uso de agrotóxicos.

No caso do dendê, existe ainda um fator que torna o trabalho ainda mais difícil: por se tratar de um produto que não pode ser estocado, pois apodrece muito rápido, é preciso que o/a agricultor(a) faça a colheita no momento certo e venda para a empresa com a qual tem contrato. Isso torna todo o processo de produção inviável do ponto de vista do(a) trabalhador(a) e, além de tudo, a palma é uma árvore estranha à flora amazônica, como também afirma Winnie: **“Se ele(ela) quiser trabalhar de uma forma mais agroecológica, será mais difícil, porque pelo contrato com a empresa será difícil se trabalhar em outro sistema que não seja o sistema da empresa. Então, eu acho que o problema não é o dendê, mas sim o modelo que é apresentado para se plantar o dendê; e aproveito para dizer que é um modelo que funciona somente para a empresa. Não se encontra em outras formas, como se faz em outros lugares, mesmo porque, até onde eu sei, o dendê não faz parte da cultura regional do Pará”.**

Design Gráfico e Layout:

Rodrigo Figueiredo

rodrigofigueiredo@me.com

A Série Entrevistas sobre a Amazônia é uma iniciativa da ONG FASE Programa Amazônia, com o apoio da Fundação Heinrich Böll (HBS) e da Fundação Ford (FF). Ela tem como objetivo divulgar ideias, posicionamentos e/ou avaliações de lideranças de movimentos sociais, pesquisadores(as) e de membros de ONGs acerca de temas que consideramos relevantes para o melhor conhecimento das novas dinâmicas socioterritoriais em andamento na nossa região, bem como de experiências coletivas executadas por organizações da sociedade civil e que merecem ser conhecidas mais amplamente.

Dessa forma, esperamos contribuir para a construção e/ou fortalecimento de um pensamento crítico sobre o modelo hegemônico de desenvolvimento imposto à Amazônia, da democracia e de suas instituições e a afirmação de direitos individuais e coletivos.